ANNO I

Ovar, 3 de Março de 1910

NUMERO 25

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao

"Regenerador Liberal„ — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. Fonseca & Filho

Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO

Amadeu Peixoto Pinto Leite

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno). . . . . 1$000 reis
Com estampilha (anno) . . 1$200 »

Para fóra do reino accresce o porte do correio. Annunciam-se obras litterarias remettendo-se dois exemplares.

Preço de cada jornal avulso, 20 reis

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna. Annuncios e communicados, 50 reis; repetições 25 reis. Annuncios permanentes, contracto especial.

Os snrs. assignantes teem o abatimento de 25 por cento.

A politica

Por mais voltas que dêem ao pão da masseira politica, nada se faz em proveito dos interesses moraes e materiaes d'uma desgraçada patria que vae atravessando a sua crise de decadencia interna e de deshonra no estrangeiro. Weyler, o velho e pirronico official hespanhol, olha para Portugal como quem olha para uma provincia conquistada. A Inglaterra encolhe os hombros philosophicamente e como o leopardo olha para a presa que caminha aterradoramente, no seu desnorteamento, para as guellas da fera. Os nossos governos entreteem-se em picuinhas domesticas, enlaçam-se nas teias da intriga partidaria, perdem o tempo em balanços de eleições, gastam a actividade em remoques nos jornaes e em vénias ao Poder Real tornando-se *meninos bonitos*, fazendo a exposição das suas competencias, passando em revista os louros dos seus triumphos passados como garantia das redeas do seu governo presente. E ninguem vê que Portugal se perde, que Portugal se afunda n'um mar de lama e n'um lameiro de crimes e iniquidades.

A democracia, que devia, pela sua attitude, pelos seus processos, pelos seus ideaes, interpretar o seu papel, chamando á ordem a desordem dos governos, velando sempre, e acima dos seus interesses partidarios, pelo bem da patria e pela integridade nacional, perdeu a sua feição de *partido vigia* e de *partido caustico* applicado aos governos monarchicos.

E era já nobre esse papel civilisador de vigiar pelos interesses d'um paiz e de causticar os desmandos do governo, emquanto o evolucionar das ideias e o correr dos factos não fossem predispondo as camadas populares para a implantação, legal e idonea, d'um novo regimen, então mais em harmonia com a vontade e pensamento do povo portuguez.

Se a democracia tivesse enveredado ou enveredasse agora, por um caminho, suppostamente passivo, de honestidade e de propaganda forte mas séria, talvez chegasse um dia, mais ou menos remoto, a lograr a realisação das suas aspirações.

Mas o partido republicano, sempre mal orientado, vem soffrendo de *delirum tremens* desde 31 de janeiro de 1891.

O 31 de janeiro nem ao menos teve o desfecho tragico de todas as revoluções tramadas nas trévas. Toda a gente advinhou a revolução, fallava-se da revolução, chamava-se o povo á revolução.

E a revolução do povo não é tramada com antecedencia nas trevas e annunciada á ultima hora ao povo chamando-o á adhesão. A revolução popular não obedece a planos, rebenta expontanea, assoladora, e estridente a um grito insoffrido e attribulado d'uma bocca anonyma que interpreta a alma do povo e a faz vibrar electrisando-a, arrastando-a. Ora esse grito, essa interpretação da alma popular, deve sair expontaneo e sentido, deve ser sincero e convicto.

Por isso é que o grito de 31 não tomou as proporções d'um *movimento redemptor*; encurralou o povo do Porto nas aguas furtadas e teve o ridiculo final de uma comedia mal ensaiada.

E como Portugal hoje não acredita na sinceridade, convicções e sentimentos de todos os bandidos de 31 de janeiro para áquem, não estará resolvido a secundar esse partido de matulas e histriões.

O exodo do partido republicano é um facto. Toda a gente honesta ou foge ou retrae-se.

A imprensa jacobina não tem dignidade nos processos de ataque. O juiz d'instrucção criminal é o seu espectro. Pois bem. Faça-se-lhe tamanha campanha que o homem seja obrigado a demittir-se, ou a apanhar com duas balas nos miolos, se algum exaltado quizer seguir os passos dos regicidas.

Pobres diabos! Pobres diabos!

A revolução de 28 foi um fiasco. Uns foram apanhados com a *boca na botija*, outros surprehendidos na fronteira a toda a força da gazolina.

Presos, choraram lagrimas de crocodilo, protestaram innocencias, soffreram como santos a injustiça humana.

O decreto da amnistia pôl-os na rua. Sentaram-se nas cadeiras do parlamento, e vangloriaram-se publicamente do *heroismo* e *patriotismo* d'aquella sedição.

A tragedia de 1 de fevereiro ensanguentou-lhes as mãos.

A peregrinação ao tumulo do Buiça cobriu-os de lama e difiniu-lhes os sentimentos.

A defeza e a propaganda jornalistica a favor d'um incendiario, d'um criminoso da peor especie que carbonisára 14 victimas, desfez-lhes tudo quanto o verbo inflammado dos seus tribunos magnetizára em Lisboa.

Pobres diabos e pobres dementes!

Mostraram á Europa inteira o processo traiçoeiro como se *liquidam reis* e vieram agora mostrar a Portugal, enojado, como liquidam cumplices.

Um correligionario dos bandidos republicanos rouba uma grande porção de cartuchame. Vende-o aos correligionarios. O roubo é depositado n'um Centro republicano. Descobre-se o roubo e o delinquente foge para fóra do paiz. Apertado pela miseria escreve aos bandidos pedindo-lhe o preço do roubo. Recusaram-lh'o. Ameaça-os. Teem medo que a meada se descubra. Chamam-n'o á capital, e sob o pretexto de o fazerem embarcar para a Africa clandestinamente em Cascaes, acompanham-n'o á Boca do Inferno, aggridem-n'o á paulada e despenham-n'o, semi-morto, pelos fraguedos escarpados d'aquellas ribas desertas.

A imprensa republicana, sempre tão bisbilhoteira, enchendo columnas e columnas, trazendo photographias, contando episodios e explorando a curiosidade com notas de *reporters*, quando se trata d'um crime qualquer, mette-se em cópas, na questão d'aquella pesada e nefanda tragedia nocturna!

Que vida de lama, de crimes, de suicidios mysteriosos e de baixezas não arrasta o partido da *emancipação das consciencias!*

X. X.

Passos

No proximo domingo de tarde realisa-se a festa dos Passos n'esta Villa, achando-se então e na vespera patentes ao publico as portas de suas capellas, que no genero são das mais notaveis do paiz e tanto commovem e chocam até ás lagrimas a alma do povo simples e com fé de transportar montanhas.

Por isso é esta festividade muito concorrida de gente de todo o destricto.

A parte musical está confiada á distincta banda «Ovarense», do sr. Benjamin Nabio, eximio professor de musica.

Generosa desforra

Foi com Julio Diniz que se passou o caso que vou contar, simples, banal e fortuito. Era elle um triste, um romantico e um poeta, vivendo de contemplar os homens e as coisas e de surprehender-lhes os grotescos e os coloridos. Quando a doença o mortificou, alarmando-o, veio para aqui, para uma casita dos Campos, modesta, alagada de sol, com rouxinoes no laranjal e pardaes larapeando nas sementeiras. Precisava d'ar que lhe lavasse os pulmões avariados... Ninguem, afinal, dava dez reis por elle!...

Era um doutor como qualquer outro, barbaçudo, d'olhos grandes e scismadores, modelado pelos janotinhas da cidade, mas que annunciava no tossir impertinente e cavo, o breve desfecho da existencia. Como quer que a nostalgia do seu Porto o apoquentasse, exacerbando lhe os nervos a absoluta falta de convivencia intellectual, arrastou-se uma vez até á Praça, á loja dum quasi parente, para começar a auscultar a alma, os costumes e as crenças do povo com quem vinha viver.

Era nesse tempo a loja do João da Esquina, e continuou-o sendo, um escolhido centro de cavaco. Vinham alli, habitualmente, as figuras mais graúdas d'Ovar d'então, quem tinha assento nos auditorios da comarca e nome para garantir negocio de vulto. Eram os Arallas, o Cavilha, o Mansarrão, o Araujo, o Saborino, o Jacob, o Thomé Travanca, a politica e a jurisprudencia, o commercio e a lavoira. Claro é que a cavaqueira não versava assumptos transcendentes de philosophia e arte, discutindo Arnaldo Gama e Soares de Passos, o ultimo livro do sr. Garrett e a vestimenta de rigor para o primeiro baile em S. Thomé. Não. Era a eterna mexeriquice das aldeias grandes, a vantagem da póda no crescente da lua, os effeitos do lagarto nas couves do abbade e, quando Deus queria, umas bicadas na justiça com conhecimento de lareira. Assim se esfalfavam umas horas da noite, sórna, democraticamente, até que o lampeão pendurado do tecto fumado, subscrevesse sencerimoniosamente o *continua* para o serão seguinte.

A esta obscura assembleia conservadora, que se pitadeava a vinagrinho, veio parar Julio Diniz, já lente de medicina, poeta e romancista.

Apresentado successivamente aos que vinham chegando, — o senhor dr. Coelho — quedou-se num delicado silencio, observando, estudando aquellas creaturas simples, banaes, sem gestos complicadamente artificiosos e palavras estudadamente sonoras.

Nada lhe foi interessando a conversa e, como um nevoeiro embaciasse os vidros dos candieiros publicos, despediu-se pela volta das nove horas, nada tendo dito durante toda a noite.

Tão mal os comprehendia ainda! Tão difficilmente o comprehenderiam elles!...

Quando o echo dos seus passos se perdeu na praça deserta, a caminho dos Campos, um padre commentou: «Tem cara de bom moço. E' dos poucos janotinhas toleraveis.»

.....

Julio Diniz, depois, vingou-se bem, com usura, da saloia apreciação. Juntou-os ternamente na mesma obra d'amor e poesia e enfarpellando-os a rigor de vestias domingueiras, immortalisou-os, immortalisando-se.

14 Fevereiro de 1910.

João Madria.

SOMMA e SEGUE

Mais assignaturas novas temos hoje a registar.

São d'Ovar umas, outras de fóra. E' isto uma prova de que não estamos sós nesta cruzada pelo bem da nossa villa, da patria e da religião.

Não nos falta o apoio moral de centenas de pessoas que nos leem.

Mas ainda não é tudo. E' preciso levar ao espirito de toda a população d'Ovar a convicção de que ajudar-nos é ajudar o progresso da sua terra, promover o seu desenvolvimento e perfeição, concorrer para que seja dotada com indispensaveis melhoramentos de toda a utilidade e necessidade e se aproveite tanta coisa bôa, com que prodigamente mimoseou a natureza e que para ahi vemos com grave prejuizo nosso, desprezada e esquecida.

E' por isso que continuaremos a bradar: A'lerta!

A nós, povo d'Ovar!

Novas assignaturas 10. Desde a semana passada 17.

---

(3) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS DO SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

I

Essa sim, que é estabelecida por Deus, que, na hora solemne, estremará os eleitos dos réprobos. Educa bem os teus filhos em qualquer carreira em que os encaminhes; educa-os segundo os principios da virtude e da honra, e não os distanciarás, acredita: porque, cumprindo cada um com o seu dever, serão ambos dignos um do outro e promptos apertarão as mãos onde quer que se encontrem. E no sentido mundano, julgas tu que fazes mais feliz Daniel, por o elevares a uma classe social acima da tua? Ai, homem, como vives enganado! O quinhão de dôres e de provações foi indistinctamente repartido por todas as classes, sem privilegio de nenhuma. Ha infortunios e miserias que causam o tormento dos grandes e poderosos, e que os pobres e humildes nem experimentam, nem imaginam sequer. Grande náu, grande tormenta: has de ter ouvido dizer. Sabes que mais, José?—concluiu o reitor—manda-me o rapaz lá por casa, que eu lhe irei ensinando o pouco que sei do latim, e deixa-te de malucar.

Com estas e identicas razões foi o bom do padre convencendo José das Dornas, que nada mais vehementemente desejava do que ser convencido—e, decorridos oito dias, via-se já Daniel passar, com os livros debaixo do braço, caminho da casa do reitor.

II

—Ó ti' Thomazia - dizia, ao vel-o passar, uma velha, que, sentada ao soalheiro, fiava, rezava padre-nossos e cabeceava com somno—o pequeno José das Dornas anda agora nos estudos?

—Pois não sabe que o pae o quer pôr a padre?—respondeu a vizinha da porta de cima, ao passo que desenredava uma meada e fazia soltar á dobadoura os mais inharmonicos gemidos.

—Toma que te dou eu! A cousa vae de grande então!

—Bem se diz: mais anda quem tem bom vento, do que quem muito rema. Verá vossê, ti' Custodia, que o Pedro, que se mata com trabalho, ha de ter sempre vida de galés, sem nunca levantar cabeça; e o pelém do irmão é que ha de pimpar de senhor e dar leis em casa.

—Uma cousa assim! Já agora havia mister de um senhor abbade ou conego na familia! Ora este mundo sempre está!

—E então veja que padre aquelle! A mim não me engana a pinta. E' de boa raça. Não tem dúvida nenhuma.

—Sáe ao lado da mãe, vizinha. Lembra-se do tio d'elle?—o Joaquim do Morgado. Que menino!

A inflexão com que este—que menino!—foi pronunciado, era altamente significativa. E' de crer que o referido Joaquim do Morgado, cunhado de José das Dornas, deixasse indeleveis recordações entre as mulheres da sua época.

—Se me lembra! Aquillo era uma cousa por maior. Bastava darlhe um bocado de tréla, que elle ahi estava. Nanja eu, commigo nunca elle fez farinha.

E, dizendo isto, desviava a cara e abaixava-se para apanhar o novello que deixára caír, emquanto a vizinha fazia um gesto e resmoneava um áparte inintelligivel, que ambos pareciam contrariar a ultima asserção da velha e pôr em dúvida a sua apregoada isenção de outros tempos.

—Nem commigo ti' Thomazia—disse, em tom já elevado, esta do áparte—nem commigo, que elle bem sabia com quem se mettia.

D'esta vez, gesto e áparte pertenceram á outra interlocutora, e tinham a mesma significação.

E' certo porém que o Daniel ia andando com o seu latim, e, dentro em pouco tempo, já papagueava os substantivos e os adjectivos com incrivel e surprehendente velocidade.

José das Dornas divertia-se excessivamente a ouvil-o. As declinações ditas pelo filho em voz alta «lá lhe caíam no gôto», como elle dizia; e já procurava imital-o nas suas horas de bom hnmor, que, segundo já affirmamos, eram numerosas.

—Dize lá, rapaz, dize lá. Então como é? como é? *Altrotoro, altrotoro, altrotoro. O' tranca, ó tranca, ó trinque, ci diabos, diabos, diabos.* Ah! ah! ah! Ora dize lá, rapaz, dize lá.

E Daniel principiava a repetir as lições, acompanhado das gargalhadas de José das Dornas, que, sem o saber, ia demonstrando com o exemplo um grande preceito de instrucção, tantas vezes recommendado:—o de vencer, pelo estimulo do agradavel, o fastio que acompanha o estudo. *(Continua.)*

CHRONICA

Não pôde proceder-se á eleição da mesa administrativa da Misericordia d'Ovar. Porquê?

O addiamento deve ter sido providencial. Uma mesa d'uma instituição que apenas começa, como a semente lançada á terra, a germinar, não é coisa que deva eleger-se de leve, do pé para a mão. Isso seria o mesmo que pretender obter arvore vigorosa e apta para grande desenvolvimento, atirando á leiva como primeira semente que á mão nos viesse, tomada de corrida, ao acaso da arca, onde se recolheu bôa e má, bem e mal sazonada. E' preciso pensar, ponderar bem as coisas, amadurecel-as no espirito para se fazer uma escolha acertada. E para isso é preciso tempo, é preciso consultar muita vez a voz da consciencia e aconselhar com o travesseiro. Mais:

E' preciso conhecer todos os elegiveis, o nome de todos os que podem entrar na mesa. Quem são elles? São os irmãos? Mas quem são os irmãos da Misericordia d'Ovar? Quando é que foram publicados os seus nomes? Este conhecimento é indispensavel para que a eleição se faça. Sem isto nada. E isto ainda se não fez.

A mesa administrativa da nascente Misericordia d'Ovar deve ser constituida pela *èlite* dos homens praticos, que mais se recommendem pela suá honestidade e actividade. E esses é necessario procural-os, descobril-os na modestia das suas occupações, talvez. E isso não se faz com a maior facilidade, sem calculo, sem estudo, sem accender a lanterna de Diogenes. Não ha de ser a gravata ou o diploma litterario a melhor recommendação para mesario. Isso seria perder, comprometter tudo, a meu ver.

Talvez que o esfarrapado pedreiro, que mal sabe esgrafiar o seu nome, cheio de senso e rectidão de consciencia, seja digno de entrar na pequena commissão administrativa que se pretende eleger.

Pensem bem os irmãos, todos os que se interessam pela vida e futuro da Misericordia. Aproveitem estes dias de espera para sondarem quem mais digno do seu voto. O addiamento é providencial; a Providencia dos infelizes não quiz de certo que a eleição fosse feita d'afogadilho, impensadamente, á tôa quasi, com detrimento da bemdita instituição.

*

Ficaram ainda est'anno em casa os santos terceiros. Por pirraça! E' o povo que o diz unanime. E voz do povo voz de Deus.

E pirraça dos santos em não sairem, porque?

Simplesmente porque se veem asseiados de mais.

Elles trajavam burel sobre cilicios apertados na carne extreme. Seus pés descalços mortificavam-nos as pedras dos caminhos, abrindo-lhes, até sangrarem, as feridas. Seus rostos andavam chupados e envelhecidos pelo jejum e pela vigilia extenuante da meditação e oração. Eram homens de penitencia queimados pelo sol do estio, enregelados pelos frios do inverno, as feras a que entregavam voluntariamente as carnes palpitantes, apenas veladas por uma tunica coçada e puida de estamanha.

Eram, em publico, o sarcasmo vivo dos opulentos e bem jantados do mundo, mas o sarcasmo que tem mais de reprehensivo, que de insultante; o sarcasmo que obriga a voltar o rosto, não porque indigne e revolte, mas porque nos leva a pensar e a humilhar-nos diante da propria consciencia.

Mas um dia despiram-lhes os farrapos, arrancaram-lhes os cilicios das carnes maceradas, curaram-lhes as chagas desde a cabeça até á planta do pé, remoçaram-nos, engordaram-nos, amaciaram-lhes a pelle com pós d'arroz e opoponax e vestiram-nos de rendas e brocado!

Aquelles rostos de penitencia, transformaram-se nos de homens fartos e regalados. Não é já o eremita pobre e descalço que vem do deserto ao povoado, pregar contra a concupiscencia da carne, mas a opulencia que sai do seu palacio para se distrahir no grato refocilamento d'um passeio.

Em vista d'isso, diz o povo, é que os terceiros não querem sahir, mandando-nos este rico inverno que está fazendo. Os santinhos não querem luxo! acrescenta elle.

E' uma razão de quem ignora as *astrolimias* e sabe outro tanto do que se passa na côrte do ceu. Mas é uma razão que serve á maravilha para quem não tem outra.

Tambem, se assim é, se os santos terceiros nos pregam a pirraça por os havermos tratado bem e vestido melhor, era bem feito entregal-os por castigo á camara municipal.

Que ainda os haviamos de ver a querer sahir, sem terem que... vestir. Sim, porque elles não teem voto.

Alfredo Marcello.

AGUILHADAS

A Escola Republicana

O Affonso Costa, na séde da *Associação dos Logistas* fallando ás turbas:

«Fazer uma escola é crear um compromisso, a que temos o sagrado dever de não faltar. A escola que fundamos não é só para lhes (aos republicaninhos de cueiros) ensinar a ler e escrever. Deve ser para mais alguma cousa: deve... ensinar-lhes a senda do dever para que um dia essa mocidade expulse, condemne e arranque este esgalracho damninho do regime.»

Ora aqui temos em poucas palavras o programma das escolas republicanas. Os democratas não fundam escolas para ensinar as creanças a ler e escrever. Fundam as suas synagogas para ensinar aos meninos a expulsar o *esgalracho* do regime, liquidando reis, defendendo Leandros, assassinando Pedros na Bocca do Inferno, desdizendo-se sempre, compromettendo sempre, afundando-se sempre na lama e no crime.

Juiz d'Instrucção criminal

A imprensa republicana e a outra imprensa de *dois bicos* de Lisboa, têm batido, como em pelle de tambor, nas costas do snr. Antonio Emilio. Pois se elle se quer impor como segunda edição de João Franco! Caustica os republicanos das associações secretas, os criminosos tidos e havidos como taes, olha de soslaio para os *reporters* do *Mundo*...

E os democratas não olham com olhos clementes para aquella réspidez judicial.

Pobres diabos! Pois em que paiz do mundo ha mais liberdade que em Portugal?

Hoje mente-se, diffama-se, inventa-se, escreve-se com tinta d'odio, prostitue-se a verdade e a honra, e não se vê bem a attitude d'um homem, que tenta pôr côbro a tanta infamia applicando o correctivo que o temperamento demagogo e exaltado exige?

Faça-se a republica em Portugal, já, já. Como Ugulino ella comerá os seus proprios filhos. Os republicanos precisam d'uma republica para ella propria lhes amordaçar tanta babuzeira, tanta mentira e tanta infamia.

A republica, a republica.

Ha tempos um escriptor francez, Hervé, defendeu nas colmnas d'um jornal de Paris, um criminoso que matára um agente da policia.

Pois bem. Este escriptor fôra condemnado pela republicana França a 4 annos de prisão e mil francos de multa!

Se os Hervés do *Mundo*, do *Seculo*, da *Lucta* e das outras latrinas republicanas vissem a luz da publicidade em França..

E dizem que Portugal está a narrado ao despotismo!

Libardade como a nossa, rapazes, não n'a ha por esse mundo de Christo álem.

Ramirando

O celebre Ramires, que estivera no embrulho do regicidio, e que provavelmente está (emquanto se não provar o contrario) era apontado aos quatro ventos pelos republicanos como modelo de honestidade, de patriotismo e de dignidade. Fugira para o Brazil ao baquear do cadaver de D. Carlos e de lá se entendia com a gente do *Mundo*. Apanhado com a *boca na botija* no crime vil e vulgar de varios latrocinios e bandalheiras... sopra logo viração contraria nas columnas dos jornaes republicanos. *O Ramires*, dizem elles, *nunca foi republicano!* Ah! pobre Ramires. Estás livre porque estás preso. Se não estivesses preso irias parar com as costas aos rochedos de Cascaes, como o Nunes Pedro.

Os republicanos quando veem compromettidos os seus cumplices, assassinam-n'os, para que os *anjinhos* da instrucção criminal não façam milagres.

Ah! pobres bandidos! para onde levaes Portugal e a honra d'uma nação digna de melhor sorte?

Embaixada junto do Vaticano

A imaginação meridional é fecunda como as figueiras do Algarve.

Segundo ella talvez fosse o sr. Beirão (diziam os jornaes de informação temporã); depois abichava a pósta o João Arroio (para cultivar as semi-fusas italianas); mais tarde fallava-se no sr. Alpoim (para ensinar á Italia as formulas democraticas da monarchia dissidente); depois veio á *baila* o sr. Wenceslau (sempre em demanda do velocino dourado de mais alguma medalha peitoral); ha tres dias intrigava-se o nacionalismo que pretendia mandar ao Vaticano o sr. conde de Bertiandos!

Mesmo á ultima hora falla-se no conde de Tovar...

Quando se fallará tambem no Bernardino Rachado?

Se os ovos da *el-presidencia* gorarem, elle trocará o penduricalho do triangulo maçonico pela grão cruz de S. Francisco.

A associação das lojas

Ou dos lojistas de Lisboa que é a mesma cousa, anda *rabioza* com os jesuitas. A questão politica dormita, o povo encolhe os hombros ás promessas dos monarchicos e olha espantado para os gestos espalhafatosos dos tiradentes lusitanos. Toca a ensaiar outro processo, para levantar a *Alma Nacional*. A *Junta Liberal* descentralisa-se do olho da capital e vae começar a evangelisação anti-jesuitica. E' uma quaresma de pregações e penitencias. Os apostolos de sandalias nos pés, nos pés só, já se vê, fallam a alma nacional na emancipação religiosa. O Theophilo, em Lisboa, agregou á sua volta a cambada, tomou o hyssope da erudição nas mãos, e disse: «Ouvi, meus filhos, o que vos digo, os argumentos que apresento, a maneira como enrosco a sophistica e como metto n'um chinello os patos. Fazei assim e tereis Portugal restaurado.» Arriaga, Bombarda, Miranda do Valle, Grainha, Leite, Gomes, Falcão, Leão, Henrique Cardoso, e todos aquelles que tiverem aptidões e pulmões, pulmões principalmente, lá vão a caminho da gloria, representada em Portugal por um estralejar quente de palmas. Sabios, medicos, doutores, publicistas, negociantes, poetas, sapateiros, alfaiates, presos todos pelos laços fraternaes da democracia, vão lançar os alicerces do grande edificio da libertação das consciencias!

E tu, ó famigerado Miranda do Valle, *distincto* publicista e fallador em comicios, no meio d'esses oradores todos, não terás ganas de pegar no *formão* e no *cravo* exercendo a tua profissão de libertador de cascos?

PILATOS & C.ª

Inauguração e benção

Amanhã, 4, proceder-se-ha á benção e inauguração da bella egreja que acaba de ser erguida ao lado e a expensas do Collegio das Dorothêas d'esta villa.

De manhã cedo haverá communhão geral; ás nove missa cantada e sermão ao evangelho, estando o SS. exposto todo o dia á adoração dos fieis. De tarde cantar-se-ha o *Te Deum* e a ladainha de Nossa Senhora e dar-se-ha a benção com o Santissimo.

A nova egreja é de bella construcção.

HORAS D'OCIO

N.º 17

Um abbade atrapalhado

Ha pouco, por um motlvo qualquer que não vem para o caso, foi feito um peditorio pelas ruas de uma Villa; não faltando a abrilhantar o acto a musica da terra, que, diga-se de passagem, era das mais afinadas.

O producto obtido, que foi de 180$000 rs., era para dividir pelos pobres.

A commissão promotora, da quai faziam parte as pessoas mais gradas da Villa, era presidida pelo abbade, que foi o escolhido para fazer uma nota, que mostrasse as differentes maneiras como o dinheiro poderia ser distribuido, teudo em attenção que os quinhões seriam eguaes, e e o numero exacto de mil reis por cada contemplado.

Deu tratos á imaginação o bom do cura, para se desempenhar de tal incumbencia, que melhor se diria, de tal espiga.

Pensou, rabiscou, e, chegou mesmo a não poder conciliar o somno.

Por fim, já farto de encher e esvasiar a tabaqueira, e já com a pituitaria inflammada pela amonia, conseguiu ao cabo de 72 seguidas e interminaveis horas, soltar dos labios pelas 3 da madrugada, accordando toda a familia, uma phrase genuinamente portuguesa, que bem traduzia a satisfação de que se achava possuido, por ter finalmente achado o tal *X* tão desejado, pois que de contrario seria um fiasco e deixava de corresponder á opinião que d'elle formavam.

Na primeira reunião portanto apresentou aos seus collegas na commissão, não só a quantidade de modos differentes como o dinheiro poderá ser distribuido, como tambem a quantidade de pobres, que, em cada caso, poderiam ser admittidos.

O trabalho do pobre abbade, foi de tal ordem, e teve de fazer tal esforço de imaginação, que, de cançadas que tem as suas faculdades, está guardando (e assim o exigiu da commissão) tal segredo, que julgo por certo tratar-se de alguma confissão.

Não poderá algum leitor ajudar-me a desvendar o impenetravel mysterio?

*

Resposta ao n.º 16:

O pomar tinha 53 laranjas.

Figueira da Foz.

M. E.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não podémos ainda hoje dar publicidade ao artigo do sr. capitão Marrecas Ferreira sobre a Companhia Edificadora Ovarense.

Homem Christo

Foi julgado em Aveiro na ultima sexta-feira por supposto delicto de imprensa o intemerato jornalista director do «Povo d'Aveiro» Snr. Homem Christo. O auctor Snr. Eugenio Ribeiro, republicano, pretendeu assim lançar mão da lei de imprensa, tão condemnada pelo seu credo politico, para esmagar aquelle jornal. Mas o plano falhou. O julgamento, dizem, foi um verdadeiro comicio onde o partido republicano foi autopsiado pelo advogado de defesa com energia, convicção e mestria.

De forma que é de suppôr que os republicanos detestem d'aqui para o futuro o precedente aberto pelo Snr. Eugenio Ribeiro.

O mar

Tem continuado na sua furia de destruição em Espinho.

Na noite de 26 para 27 do ultimo, abriu brecha no paredão, que ha pouco lhe opuseram para impedir que as suas ondas engulissem o resto de bons predios que ainda ali lhe ornam a praia.

Ovar na Universidade desde 1800

Lista dos individuos vareiros que a tem frequentado desde 1800 até hoje:

1800-801

Mathematica, 1.º anno: **Bernardo Antonio Zagallo**, filho de Antonio José Pereira Zagallo. Não frequentou em 1805 806 e deixou a Universidade em 1808.

Dyonisio Gomes Silvestre, filho de Bernardo Gomes Silvestre. Repetiu no anno seguinte.

1802-803

Direito, 1.º anno: **José Manoel de Souza Paulino**, filho de Antonio de Souza Paulino. Em 1806-1807 frequentou o quinto anno.

1803-804

Direito, 1.º anno: **José Rodrigues da Graça**, filho de Manoel Francisco Rodrigues. Em 1812-13 frequentou o 5.º anno: mas não frequentou a Universidade em 1898-809.

1805-806

Direito, 1.º anno: **Joaquim Celestino Albano Pinto**, filho de Antonio Albano Pinto. Frequentou o 5.º anno em 1809-10 e repetiu-o em 1813-14.

Manoel José da Costa e Souza, filho de Francisco José de Souza. Frequentou o 5.º anno canonico em 1809-10.

1806-807

Mathematica e Philosophia, 1.º anno: **Antonio Pereira Zagallo**, filho de João Pereira Zagallo. Não frequentou em 1808-09. Frequentou o 1.º anno de medicina em 1812-13 e 5.º em 1816-17. Fez acto de licenciado em 1817-18 e doutorou-se.

(Continúa).

Bôdo aos pobres no dia de Paschoa

Continúa aberta a subscripção para custear as despêzas destinadas ao bôdo aos pobres no dia de Paschoa que se approxima, e que não esquecemos, esperando sempre nos bons sentimentos do coração dos nossos leitores.

O dia de Paschoa é um dia de solemnidade geral. Festa na Egreja catholica e festa na familia.

Os pobresinhos da nossa terra, que são tantos e tão desgraçados no seu abandono e miseria, terão um dia feliz no dia da Paschoa de 1910.

Receberemos todas as esmolas que os corações bondosos nos enviarem.

E' uma obra de caridade em que todos collaboram. Esperamos dar um aspecto solemne á festa dos pobresinhos, convidando todos os nossos assignantes a assistir áquella *agape* modesta, mas carinhosa e caridosa. Para longe ideaes politicos, resentimentos pessoaes, paixões mal intendidas n'esta obra de caridade e humanidade.

Quem dá aos pobres empresta a Deus, porque dá a irmãos. E nossos irmãos são todos os pobresinhos.

Agóra vamos á organisação d'esta festa de caridade:

1.º Todos os assignantes do nosso jornal, ou todos aquelles que contribuiram para esta obra com as suas esmolas, teem direito a apresentar á sua escolha um pobre, d'esta villa, que lhe seja mais sympathico.

2.º Os que estiverem n'aquellas condições deverão escrever-nos um postal, ou participar-nos pessoalmente, ácerca do nome do seu pobre e morada.

3.º Se a relação dos pobres apresentados ascender a numero superior áquelle que a receita póde comportar, sarão sorteados entre todos, aquelles que a receita poder comtemplar.

4.º O bodo será servido por meninas da nossa terra, filhas dos nossos assignantes, que egualmente nos devem mandar o nome das suas filhinhas, serventes, neste dia, á meza dos pobresinhos d'Ovar.

Continúa aberta a subscripção.

Transporte	10$700
J. F. G.	1$000
D. R. S.	1$000
Manuel Rodrigues da Graça .	500
Anonymo	500
Padre José M. F. Pinho. . .	500